

MÓNICA DE MIRANDA  
PAUL GOODWIN

# UNDER— CONSTRUCTION

—

EDIÇÃO E CONCEITO /  
EDITING AND CONCEPT:  
Monica de Miranda  
Paul Goodwin

DESIGN:  
MusaWorkLab

PRODUÇÃO E COORDENAÇÃO /  
PRODUCTION CO-ORDINATED:  
Jorge Rocha

ACESSOR DE MONTAGEM /  
PRODUCTION ASSESSOR:  
Adilson Milengo

REVISÃO E EDIÇÃO DE TEXTOS /  
PROOF READING AND TEXT EDITION:  
Jorge Rocha  
Monica de Miranda  
Paul Goddwin

TRADUÇÕES /  
TRANSLATION:  
Sofia Teixeira

IMPRESSÃO /  
PRINTING:  
Gráfica

—

© 2009, Monica de Miranda and Paul Goodwin.

Publicado em Lisboa, Portugal pelos autores com o apoio da DGArtes.

Published in Lisbon, Portugal by the authors with the support of DGArtes.

Textos/Texts © 2009 Paul Goodwin, Monica de Miranda, Fernandes Dias, Sofia Borges, Ze Carlos Teixeira.

Imagens/Images © Monica de Miranda, Sofia Borges, Ze Carlos Teixeira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, conhecido agora ou futuramente inventado, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro sistema de armazenamento e recuperação de informação, sem prévia permissão escrita pela editora.

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, now known or hereafter invented, including photocopy, recording or any other information storage and retrieval system, without prior permission in writing from the publisher.

Março/March 2009

—

APOIOS / FUNDING:

**dgARTES**  
DIRECÇÃO-GERAL  
DAS ARTES

**M|C**  
MINISTÉRIO DA CULTURA



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN



Trabalho /  
Work:

# UNDER — CONSTRUCTION

Projecto Artístico /  
Artistic project by:  
Curadoria /  
Curatorship:

**MÓNICA DE MIRANDA**  
**PAUL GOODWIN**

Artistas Convidados /  
Guest Artists:

SOFIA BORGES & VASCO COELHO  
ZÉ CARLOS TEIXEIRA

Programa Cinema /  
Cinema Programme:

LUCIA MARQUES



# AS ÁRVORES TÊM RAÍZES NÓS TEMOS PÉS —

J. A. Fernandes Dias

Mónica de Miranda é uma artista das cidades. Num tempo de cidades mestiças, que beneficiaram muito da chegada de gentes de múltiplas culturas. Imigrantes? Cosmopolitas? Um olhar acurado às populações imigrantes na cidade do nosso tempo, às suas complexidades e novas oportunidades, permite mostrar várias coisas; uma delas que a contraposição tradicional entre origem e destino já não parece resultar muito clara nem definitiva. As categorias de imigrante e de cosmopolita sobrepõem-se quando uma parte significativa da cidade metropolitana é formada por pessoas de muito variadas condições e posições, que no seu quotidiano tecem vínculos económicos, sociais e culturais entre mundos diversos. Pelas cabines telefónicas, pelos telemóveis e pela internet circulam amor, dinheiro e negócios, e criam-se redes transnacionais que a conectam com muitos outros pontos do planeta. Por outro lado, as cidades tornaram-se mais heterogéneas, a música e as danças por exemplo enriqueceram-se imenso, o pensamento debruça-se sobre o papel das migrações. Entretanto, os imigrantes também mudam, de modo a que a sua dupla relação entre o país anfitrião e o país natal produz em si e por si mesma uma estética que, por sua vez, contribui para que se produzam mudanças nos países anfitriões e nas suas expressões culturais. Neste projecto, temas abstractos como globalização, migração, identidade múltipla, hibridez cultural, são

recontextualizados através de situações reais marcadas e vividas na Grande Lisboa, mapeando o que Mónica chama com muita propriedade uma Maior Lisboa.

Para além da exposição, do Underconstruction constam o lançamento de um livro com o mesmo título, um ciclo de cinema, conversas, jantares e festas em várias associações, passeios e visitas a bairros, indo assim muito além da já gasta e reconhecida diversidade. O que Mónica de Miranda se propõe é “criar espaço para que os fluxos migratórios e transnacionais sejam vistos como uma realidade diversificada e multi-facetada, como uma plataforma criativa de oportunidades e um lugar de trânsitos para mudanças pessoais, culturais e sociais.” No centro da sua estratégia está o princípio da interculturalidade, que deveria implicar uma promoção sistemática e gradual de espaços e processos de interacção positiva, possibilitadora de uma generalização de relações de confiança, de reconhecimento mútuo, de debate, de aprendizagem e de troca. Estratégia de artista, e de criação artística que desde sempre são um lugar privilegiado de captação e animação dessas dimensões, ainda utópicas mas já presentes.

A sua abordagem artística levou-a a perceber, e dar a ver, como grande parte da população imigrante da cidade vive sempre, na Grande Lisboa, para fora do que resta da estrada



*The constant negotiation between the local and the global, the foreign and the familiar, has become a basic condition of modernity.*

*(Jean Fisher, 1992)*

*It remains the contribution of the borderline artists... to perform a poetics of the open border.*

*(Homi K. Bhabha, 1993)*

militar construída para a sua defesa dos invasores franceses no início do século XIX. A “fortaleza Europa” encontra aqui terrenos históricos para se proteger de novas invasões de estrangeiros... Mas também como, mesmo aí nos subúrbios e na margem, ou talvez mesmo por serem margem, estão Em Construção, inacabada e fluxional mais do que definitiva, outras formas de urbanidade, que criam por sua vez redefinições constantes de cultura e identidade. Os trabalhos com que se inicia e termina o percurso da exposição constituem-se como símbolo de tudo o que está no meio. Quer dizer, como uma espécie de precipitado de fluxos e deslocamentos múltiplas de pessoas e dimensões culturais. Quando se entra, “Obras Públicas”, uma betoneira, mas uma betoneira camuflada. Máquina de construção por excelência, evoca a actividade mais frequente de um número muito grande dos emigrantes lisboetas. Dentro dela tudo se mexe e se mistura, e ela própria, equipada com rodas, ocupa sempre um espaço temporário, transitório, de construção que se faz. Porém a betoneira da exposição está totalmente forrada, obscurecendo a máquina, que pôde assim deslocar-se do espaço das obras, camuflar-se no contexto da arte. Forrada por um tecido com um padrão de palmeiras, que no nosso imaginário (mesmo havendo tantas entre nós!) remetem para os lugares de origem dessas pessoas. A última peça que se vê, “Black House”, reforça a

ideia de processo. É a construção acabada, mas uma construção transitória. Feita de resto de um material usado nos andaimes das obras em construção.

Ela própria uma migrante, nascida de migrações, quando pensa em migração, Mónica de Miranda faz também um exame minucioso de si própria e dos ambientes por onde vai vivendo, com as suas relações sociais. Que fazem parte do seu processo criativo, marcado pela colaboração e participação do seu círculo pessoal de amigos e familiares, como se vê no vídeo da jornada pela paisagem da velha, e actual, estrada militar. E que se estende a outros colegas criadores, a estudiosos e críticos, como acontece na própria exposição que integra trabalhos de outros autores, colectivos às vezes. Bem como nas restantes actividades que compõem este projecto.

Não sabemos o que será a nossa civilização quando ela realmente encontrar outras civilizações por meios diferentes do choque da conquista e da dominação. Temos que admitir que esse encontro não teve ainda lugar na forma de um diálogo autêntico. Por isso estamos numa espécie de intervalo em que não acreditamos mais no dogmatismo de uma verdade única, e em que ainda não somos capazes de dominar o cepticismo em que caímos. Trabalhos como este de Mónica Miranda podem ajudar-nos a entender esta situação, e, esperemos, a abrir as fronteiras da fortaleza.

# THE TRESS HAVE ROUTES, WE HAVE FEET —

J. A. Fernandes Dias

Mónica de Miranda is an artist of the cities. In a time of crossbred cities, which benefited a great deal of the arrival of people of multiple cultures. Immigrants? Cosmopolitans? A careful glance to the immigrant populations in the city of our time, to their complexities and new opportunities, allows us to show several things; one of them is that the traditional counter position between origin and destiny does not seem to turn out to be already very clear, not even defined. The categories of immigrant and cosmopolitan are superimposed when a significant part of the metropolitan city is formed by people of very varied conditions and positions, who everyday weave economical, social and cultural bonds between very different worlds. From the telephone booths, the cell phones, to the Internet, there is the circulation of love, money and business, and there are transnational nets, in the process of being created, that make connections with many other points of the planet. On the other hand, our cities became more heterogeneous; for example, music and dance have new and richer modes of fusion, though the function of the migrations had some impact on this. Nevertheless, immigrants also change, in a way that their double relationship between the host country and the native land produces in itself an aesthetic that contributes to changes to occur in the host country and in its cultural expressions. In this project, abstract subjects like globalization, migration, multiple identity, cultural hybridity, are re-contextualized

through real situations, marked through the “Great Lisbon” and mapping what Mónica calls with great claim “a Bigger Lisbon”.

Besides the Underconstruction exhibition, there is also the launch of a book with the same title, movie sessions, conversations, dinners and parties in several associations, walks and visits to some neighborhood districts, taking the project further into its already recognized diversity. What Mónica de Miranda intends is “to create space so that the migratory and transnational flows are seen by themselves as a diversified and multifaceted reality, as a platform for creative opportunities and a place of transit for personal, social and cultural changes.” At the heart of its strategy is the principle of interculturality, which should involve a gradual and systematic promotion of spaces and processes of positive interaction, a possible generalization of relations of trust, mutual recognition, for discussion, learning and exchange. That’s the strategy of the artist and of the artistic creation, which is always a privileged place to capture and create dynamism to these dimensions, even the utopian one. Mónica’s artistic approach has led her to understand and create visibility of how many of the city’s immigrant population lives within the city, in Greater Lisbon, out of what remains of the military road built for the defense from the French invaders at the beginning of the 19th century.

*The constant negotiation between the local and the global, the foreign and the familiar, has become a basic condition of modernity.*

*(Jean Fisher, 1992)*

*It remains the contribution of the borderline artists... to perform a poetics of the open border.*

*(Homi K. Bhabha, 1993)*

A "fortress Europe" finds here historical territories to protect the city from new invasions of foreigners... But we can also find it even in the suburbs and in the margins of the city; perhaps because margins are under construction, unfinished and fluxional and more definitive than some other forms of another urbanity, which in its turn creates constant redefinitions of culture and identity .

The works with which the exhibition starts and ends are a symbol of exposure of everything that is in the middle. I mean, as a kind of precipitation of multiple flows and movements of people and cultural dimensions. When you enter, you will find "Public Works", a cement mixer, a mixer camouflaged. Machine-building par excellence, it refers to the activities that a very large number of immigrants in Lisbon usually practice. Inside itself, everything moves and is mixed, and it is equipped with wheels. It occupies a temporary space, transitional, under construction. However, the mixer in the exhibition is fully covered, obscuring the machine, which could be transported from the area of edification, and get camouflaged in the context of art. Covered by a fabric with a pattern of palm trees, which, in our imaginary (even if there are so many of us!), refers to the places of origin of these immigrants. The last piece that you will see, "Black House", reinforces the idea of process. The building was finished, but it's a temporary building,

made of the rest of the material used in the scaffolding work in construction.

Herself a migrant, born of migration, when thinking about migration, Mónica de Miranda does also a reflection of herself, of the environments where she has lived and of her own social relations. These are a part of her creative process, marked by collaborations and participations with her circle of friends and relatives, as shown in the video of the journey through the landscape of the old, and today's military road. Also, that process extends itself to other fellow artists, scholars and critics, as we can verify in the exhibition, which includes works by other authors that sometimes present themselves as collective works. This happens also in other activities that are part of this project.

We do not know how our civilization will feel when it really finds other civilizations, other than the shock of conquest and domination. We must admit that this meeting has not yet been held in the form of a genuine dialogue. Therefore, we are in a kind of interval in which no one believes in the dogmatism of a single truth, and we still are not able to overcome the skepticism that conquered us. The work of Mónica de Miranda can help us understand this situation and, hopefully, open the borders of the fortress.

# UNDER — CONSTRUCTION

*Entrevista* Monica De Miranda (MM) / Paul Goodwin (PG)

**PG:** Mónica, Underconstruction é o produto de um diálogo e uma série de colaborações que temos vindo a desenvolver desde que trabalhamos juntos em Londres em 2006. Este projecto surgiu de um interesse mútuo em várias áreas: cartografia social, migração, identidade cultural e, finalmente, a reflexão acerca de como todos estes elementos se expressam dentro do contexto da interacção entre o local e o contexto global em espaços urbanos. O meu interesse neste assunto vem da minha pesquisa em explorar espaços marginais em cidades europeias – os chamados espaços de "gueto" ou bairros de imigrantes –, e tenho tentado entender como estes espaços foram conceptualizados, mapeados e excluídos da cidade. A tese que tenho vindo a desenvolver advém de uma investigação das novas identidades criativas e dos espaços que estão a ser formados nestes lugares de diferença, contrariamente ao modo dominante do conhecimento urbano, que interpreta estes espaços como um problema ou como uma ameaça à cidade e à cultura nacional. Acredito que essa prática contemporânea de arte tem o poder de fazer visível o que está escondido, submergido ou marginalizado.

Podes falar um pouco acerca de como este projecto surgiu, assim como do contexto específico deste assunto em Lisboa?

**MM:** Paul, penso que este diálogo aqui lançado com Underconstruction ainda está a desenvolver-se a partir da minha exposição anterior, intitulada "Novas geografias", um projecto no qual também colaborei contigo e onde questioneei noções de cultura e identidades nacionais fixas. O projecto era uma celebração do espaço de encontros interculturais na criação de lugares híbridos, identidades alteradas dentro de espaços urbanos globais. O que me levou até ao Underconstruction foi o facto de ter regressado a Portugal depois de ter estado 13 anos emigrado no estrangeiro. Estive principalmente em Londres, mas também no Brasil e na Índia. Regressei a Portugal porque pensei que se tratava do meu país natal, mesmo que a minha identidade fosse sempre de uma herança cultural misturada e de incertezas nacionais.

A questão de pertencer a uma nação foi sempre uma incógnita que desenvolveu em mim múltiplos sentidos de pertença cultural. Não obstante, quando vim para Lisboa, entendi que não me

sentia em casa nesta cidade; senti que a minha experiência de estrangeira lá fora me tinha mudado profundamente: sentia-me como uma estrangeira no meu próprio país. Para além disso, regressei num momento em que procurava um lugar para assentar, uma casa. No entanto, uma casa, para além de ser um lugar físico, é também um local espiritual, emocional, e procurava ambos os refúgios. Mas, quanto mais me envolvia nessa procura, mais me deparava com uma Lisboa em estado de incerteza e mudança, um estado de underconstruction; não consegui encontrar uma casa, nem um refúgio: apenas consegui encontrar espaços em construção.

No entanto, era com estes espaços em construção que eu me identificava culturalmente; eram os espaços marginais dos guetos dos imigrantes. Mas tanto me sentia atraída para estes espaços como resistente a eles, porque acabava de regressar de espaços idênticos nos guetos de Londres. Precisava de encontrar outros espaços, espaços de integração e inclusão, para sentir que pertencia à cidade.

Sentia que pertencia a lugares divididos na cidade; isto fez-me construir pontes criativas entre eles. O projecto Underconstruction foi originado a partir desta procura pessoal e deste processo geográfico emotivo de querer pertencer.

Estou ainda neste processo. No entanto, é um processo em construção. Em Underconstruction, o mapeamento e a cartografia social e pessoal, a migração e a diversidade cultural, são representações dentro do contexto da interacção entre o local e o contexto global no espaço urbano de Lisboa, mas também dentro do contexto das minhas próprias histórias pessoais, procuras e desejos. Para mim, Lisboa é uma cidade que tem uma memória pós-colonial extremamente nítida; as passagens ou pontes da cidade, de sul para norte, foram construídas a partir de histórias e narrativas coloniais. A Ponte Vasco da Gama e a Ponte 25 de Abril são essas passagens: a primeira refere-se ao colonizador que começou as descobertas coloniais portuguesas; a segunda refere-se à revolução portuguesa para a conquista da democracia e para a subsequente independência das colónias africanas.

Quanto mais entendia a cidade, mais compreendia que é uma cidade que está submergida em memórias passadas e escondidas, coloniais, que, de certa forma, determinam a experiência quotidiana e a vivência urbana, assim como os espaços divididos, marginalizados e segregados dentro da cidade que não comunicam entre si. As pontes de comunicação estão ainda em construção.

O projecto Underconstruction entende ser um espaço de diálogo, de encontro, uma passagem para a intersecção do passado e de histórias presentes, mas trata-se, mais ainda, de um olhar às aspirações futuras para a experiência urbana dos seus espaços desterritorializados.

Define-se em relação a noções de alteridade, identidades transculturais, culturas de fusão híbridas, um espaço mestiço de múltiplos encontros. As transformações contemporâneas económicas e culturais são claramente centrais na geografia urbana e nas suas reconfigurações e transformações. Isto questiona e transforma igualmente as identidades nacionais. Assim como os territórios são transformados, os espaços de identidade também o podem ser. Underconstruction define-se nos espaços, identidades e geografias em transformação, e no impacto consequente do conceito de local e cultura nacional. As geografias em transformação são os espaços em underconstruction.

**PG:** Um dos elementos da tua estratégia artística que é mais interessante para mim é a maneira como trabalhas em colaboração artística em várias circunstâncias para atingires os teus objectivos. Por exemplo: no processo de fazer os trabalhos para a exposição Underconstruction, trabalhaste com vários residentes, membros de associações, grupos de jovens. De certa forma, este nível de envolvimento pode ser visto como uma forma de pesquisa, mas, na tua prática, há um outro nível, que se relaciona com a noção de práticas de arte relacionais e participativas em arte contemporânea. Denominaste estas práticas participativas e colaborativas no teu trabalho como "estética de comunicação". Esta maneira de trabalhar tem implicações profundas não só no conteúdo e no "produto final" do teu trabalho, mas também relativamente a perguntas fundamentais sobre a natureza do papel do artista na sociedade, tal como a questão da autoria e do papel ético do artista como antropólogo social e etnógrafo. Como é que estas perguntas de jogo estético relacional se relacionam com o teu trabalho, e que tipo de implicações pensas que elas têm nos trabalhos presentes na exposição Underconstruction?

**MM:** O meu interesse é dialogar, comunicar. Então, trabalhar em colaboração é uma forma de falar com os outros, de alcançar o mundo exterior ao meu. A colaboração é uma expressão que pretende dialogar com realidades sociais numa perspectiva global de relacionamento com o social e o pessoal. É a isto que chamo "estética de comunicação": um processo de relacionamento, interação, jogo e participação. O meu interesse é também o relacionamento com a vida quotidiana; assim, o meu trabalho interage com o contexto do dia a dia, usando os códigos de documentário e arquivo, e, ao mesmo tempo, relaciona-se com noções de modernidades globais e com a linguagem do turismo em relação a estados globalizados de cultura e de percepção dentro do espaço local e urbano.

Isto inclui estratégias ou processos que são herdados de práticas arqueológicas ou antropológicas. O artista torna-se um arqueólogo que procura factos escondidos sob a superfície, investigando a interação entre tempo e espaço dentro de contextos culturais actuais. A cultura é, para mim, "natureza humana" e, tal como os artistas, todas as outras pessoas têm uma capacidade de classificar ou expressar a experiência. O interesse de olhar o impacto de processos globais económicos e políticos sobre realidades culturais locais são cores na paleta de artista, mas têm também um carácter antropológico.

O Underconstruction é um retrato social e cultural das transformações urbanas geográficas dentro de Lisboa e da reorganização dos territórios urbanos dentro destes espaços pessoais relativamente a questões de habitação, vivências e utopias urbanas: comunidades imaginadas e auto-estabelecidas. Ora, o projecto só podia fazer sentido se o processo criativo se estabelecesse num relacionamento com a cidade, e em forma de diálogo com o espaço e as pessoas. A questão da autoria para mim não é uma expressão de individualidade, mas sim a expressão da individualidade definida dentro do quadro mais amplo, do tecido social; é uma expressão de relacionamento com o mundo. Só assim posso entender conceitos relativos à autoria. Na verdade, também podia compreender autoria como biografia, como um diário, uma história de vida, uma memória. A autoria não é uma etiqueta, uma marca, mas um processo de comunicação: é assim que entendo os processos criativos que se relacionam com o espectador ou com a audiência. Por outro lado, parece-me que a arte desempenhará um papel de divertimento nas nossas salas de estar, ou de mercadoria nas galerias comerciais, ou, então, de produto de decoração nos nossos centros comerciais. O espectador, quando faz parte do



processo artístico, pode fundir-se com o espaço-tempo da experiência de arte e, assim, perder a sua identidade como membro da audiência; nesse contexto, torna-se ele próprio um autor-produtor em conjugação com o artista, ficando mais indefinida a noção de autoria em Arte. Autor é aquele que faz as perguntas ou aquele que responde?

**PG:** Muitos dos trabalhos em Underconstruction, tal como “Grande Lisboa”, “Estrada Militar” ou “Black house”, à superfície, parecem endereçar perguntas específicas de identidade cultural, de novas etnicidades e de exclusão social. Representam um tipo de cartografia cultural do impacto de fluxos pós-coloniais de emigração e de culturas diversas na estrutura urbana de Lisboa. Mas, para mim, esses trabalhos também apresentam perguntas filosóficas fundamentais, que são universais na sua natureza, sobre as necessidades humanas básicas e os sonhos. O tríptico “High Life”, por exemplo, é uma interrogação complexa acerca das aspirações de comunidades marginalizadas em aceder ao centro da cidade, em “pertencer” à cultura urbana corrente. De uma maneira semelhante, “Black house” apresenta-se como um demarcação pálida e “negativa” que imprime (como numa fotografia) o ideal universal global da noção de casa, que é expressa em termos locais pela noção de “casa portuguesa”, a célebre casa que é designada em canções tradicionais do Fado. Até que ponto estes trabalhos representam uma estratégia artística em que o “global” medeia o “local”, e vice-versa?

**MM:** Underconstruction define-se nos espaços e geografias em transformação, em sonhos idealizados sobre o espaço urbano, em comunidades imaginadas, na utopia urbana e na sua ironia. Reflete a ocupação do espaço suburbano como um sonho de conquista do lugar ideal para pertencer à cidade. Reflete também a interacção da arquitectura, da escala e do corpo humano, assim como a ocupação do espaço suburbano em interacção com o espaço da cidade e do seu centro. No tríptico “High Life”, estes elementos estão em jogo e documentam a dificuldade de viver à margem do espaço urbano, nos espaços vertiginosos da cidade. Estabelece uma relação entre o ideal utópico modernista de viver em corda bamba e a ilusão contemporânea de viver dentro da cidade. A procura do sonho de pertencer à cidade é universal na sua natureza e é uma necessidade humana básica. Mas, em Underconstruction, torna-se um tipo de cartografia cultural do impacto de fluxos pós-coloniais migratórios e de culturas que se definem a partir da estrutura urbana de Lisboa. Mas, para mim, tudo isto coloca perguntas filosóficas fundamentais em relação a questões de pertença, de território e de casa. Estas são também as perguntas levantadas por “Uma casa portuguesa” e

“Black House”, mas também por “Grande Lisboa” e “Estrada Militar”.

No mapa “Grande Lisboa”, pretendo traçar uma rota e definir, nessa trajectória, a paisagem das diversas nações que existem dentro de Lisboa, e questionar a paisagem clássica estabelecida pela cartografia da configuração convencional de Lisboa. Ao mesmo tempo, este mapeamento substitui a múltipla paisagem cultural das diversas comunidades nacionais que vivem na Lisboa contemporânea. O mapa de Lisboa inclui também os bairros ilegais e clandestinos que estão “fora do mapa”; de certa maneira, isto é um processo de reconhecer, criar visibilidade e rescrever histórias plurais de certas áreas no espaço urbano que geralmente se encontra invisível dentro do mapa clássico e da consciência comum da cidade. Este trabalho não é apenas sobre Lisboa: nele, Lisboa torna-se a metáfora para traçar as geografias emotivas da cidade. Torna-se o local mundial que marca as histórias de comércio, migração e colonização, e traça os vários processos que fizeram do capitalismo, da internacionalização do mercado mundial e da globalização uma realidade mundial que transformou e que está a transformar a paisagem do mundo. Este trabalho estabelece uma interacção entre o Global e o Local. O trabalho “Estrada Militar” é um vídeo de uma viagem que traça, como numa missão arqueológica, a paisagem da antiga Estrada Militar de Lisboa, que foi usada como uma defesa da cidade em torno de si mesma. No passado, esta estrada foi usada para proteger a cidade contra as invasões inglesas e francesas em Portugal. Actualmente, esta estrada desapareceu parcialmente, mas é no que resta dela que, ao longo de 45 km em redor de Lisboa, os bairros sociais e de realojamento e os guetos da cidade se foram construindo. Essa estrada é, de qualquer maneira, ainda hoje, a fortaleza que protege a cidade contra invasões estrangeiras; e ainda impossibilita a entrada na cidade de uma grande parte da população imigrante, a qual permanece nas margens da cidade, na periferia. Este trabalho surgiu a partir de um processo de colaboração com os moradores desses lugares e com as suas associações. Na verdade, o trabalho é, em si mesmo, uma viagem que fiz com alguns amigos e parentes que são habitantes desses complexos urbanos de alojamento, numa tentativa de explorar esta dupla metáfora e ironia de invasões estrangeiras passadas e presentes no território nacional. O meu interesse era reflectir sobre como as cidades crescem, pensar como a natureza da cidade se transforma e descobrir qual é o impacto disto na definição das identidades e da cultura nacional e local. No entanto, a minha pergunta ainda permanece sem resposta. Como é que o sonho de pertencer ao lugar Cidade se pode concretizar com todas estas mudanças urbanas?

# UNDER — CONSTRUCTION

## Interview

Monica De Miranda (MM) / Paul Goodwin (PG)

**PG:** Monica, Underconstruction is the product of a dialogue and a series of collaborations that I have been having with you since we worked together in London in 2006. We have come to this project with a mutual interest in several areas: mapping and social cartography, migration and cultural identity and finally how all these elements are expressed within the context of the interplay between the local and the global context in urban spaces. My interest in this subject comes out of my research on exploring marginal spaces in European cities – so called ‘ghetto’ spaces or immigrant neighbourhoods – and trying to understand how they have been conceptualised, mapped and excluded from the city. The thesis I have been developing is that new creative identities and spaces are being formed in these spaces, contrary to the dominant mode of urban knowledge that interprets these spaces as a problem or threat to the city and the national culture. I believe that contemporary art practice has the power to make visible that which is hidden, submerged or marginal. Could you say a little about how you have come into this project and the specific context of these issues in Lisbon?

**MM:** Paul I think this dialogue is still developing from new geographies exhibition a project you also collaborated, where I was questioning notions of fixed national identities and culture and was celebrating a space of intercultural encounters in the creation of hybrid, altered identities within global urban spaces.

What led me to underconstruction was the fact I return to Portugal after being 13 years away mainly in London but also in Brazil and India. I returned to what I supposedly called my home country even that my status has been always of mixed cultural heritage. So the question of what I could call home has been always an issue to me. Nevertheless When I came to Lisbon I understood I could not call this city home as I could not fit in, my experience of being away changed me profoundly, I was feeling as a foreigner in my own birth country. Also I returned in a moment I was

searching to settled in and I was searching for home however this is a physical or spiritual place I wanted both a home and a house. But as much as I searched for these places I could only see Lisbon being in a state of uncertainty and change, a state of underconstruction, I could not find neither a home or a house. The spaces that I could then culturally identify with where the marginal spaces the immigrant neighborhoods but as much as I was drawn to these spaces, I was resistant, because I had just returned from the migrant ghettos of London and I needed to move on and not be excluded from the city but needed to be included. Although my desire to belong to the two spaces within the city made me build creative bridges between those. This project originated from this personal quest and this emotional geographic process of wanting to fit, belong and search for home. I am still in the process of trying to find home but meanwhile home is in underconstruction. In Underconstruction mapping and social and personal cartography, migration and cultural diversity are expressed within the context of the interplay between the local and the global context in the urban space of Lisbon but also within my own context of my own personal histories, quests and desires. For me Lisbon is a city that has an extremely vivid postcolonial memory, the gateways or bridges from and to the city from south to the north are in themselves constructed through colonial stories and narratives. The “Ponte Vasco da Gama” and “Ponte 25 de Abril” are these gateways, bridges, the first refers to the coloniser who started the Portuguese colonial discoveries and 2nd bridge refers to the revolution for democracy and for the consequent independence of the African colonies. As I was understanding more the city I realized it is a city that has submerged hidden past colonial memories that shape its everyday life circumstances and divided spaces within the city that do not communicate between themselves. The communication bridges are Underconstruction

The project underconstruction pretends to be a space of dialogue of encounter a gateway for the intersection of past

and present histories but further more to look at future aspirations for the urban space experience. In relation to notions of changing identities, alter cultures and culture of fusion and alterity a hybrid space of multiple encounters. Contemporary economical and cultural transformations are clearly central to geographical urban reconfigurations and transformations. This is transforming with it national identities and questioning them. So as territories are transformed, so too are the spaces of identity. "Underconstruction" defines itself on the spaces, identities and geographies in transformation and consequent impact of the concept of local and national culture. The geographies in transformation are the spaces being underconstruction.

**PG:** One of the elements of your artistic strategy that is most interesting for me is the way that you work collaboratively with different constituencies to achieve your goals. For example in Underconstruction you have worked with several resident's associations, youth groups and campaign groups in the process of making the works you have produced for the exhibition. In some respects this level of involvement may be seen as a form of research but in your practice it takes on another level, which is related to the notion of relational and participatory art practices in contemporary art. You have termed these participatory and collaborative practices in your work as an "aesthetics of communication". This way of working has profound implications not only for the content and 'end product' of your work but also in relation to fundamental questions about the nature of the role of the artist in society such as the question of authorship and the ethical role of the artist as social anthropologist and ethnographer. How do these questions of relational aesthetics play out in your work and what kind of implications do you think it has for the works in the Underconstruction exhibition.

**MM:** I am interested in dialogue, in communicating, so working in collaboration is a form to reach out, to speak with others. It is an expression of an intend to enter social reality in a global perspective of engagement with social, political and personal realities. So this is what I call aesthetics of communication. This process of engagement, interaction,

play and participation is developed to produce work. My work also deals with the everyday life so it directly engages with reality using the codes of documentary and archive, and at the same time engages with notions of global modernities and the language of tourism in relation to globalised states of culture, and globalised states of perception within the local and urban space.

This includes strategies or processes that are inherited from archaeological or anthropological practices, the artist becomes an archaeologist searching for hidden facts below the surface, investigating the interplay of time and space within the present culture environment. Culture for me is "human nature," and so much as artists all people have a capacity to classify or express experience. The interest to look at the impact of global economic and political processes on local cultural realities are colours on the artist palette but have also have an anthropological eye.

Underconstruction is a social and cultural portrait of the geographical urban transformations within greater Lisbon and the reorganization of the urban territories within these personal spaces in relation to housing and living issues, Imagining communities, right to a city and urban utopia. So the project could only make sense if the process was set as a form of relationship with the city, a form of dialogue with space and people. Authorship for me is not an expression of individuality, but how this individuality is expressed within the broader picture, the social tissue, it is an expression of engagement with the world, and the world we understand in relationship. That's the only way I can understand authorship, I could also understand it as biography, as a diary, a life story, a memory. Authorship is not a label, a brand but is a process of communication, that's why we call for spectatorship and audience, otherwise we will make art either for entertainment in our living rooms or for commodity in our shopping centres. I am interested how the viewers can be also fused with space-time of the art experience and thereby lose their identity as audience, here they became authors producers together with the artist, so I am not sure who is the author within the art work. Is this who poses the questions or who answers?



**PG:** Many of the works in Underconstruction such as Greater Lisbon, the Military Road pieces and the Black House, on the surface, appear to address local and specific questions of cultural identity, new ethnicities and social exclusion. They represent a kind of cultural mapping of the impact of post-colonial migrant flows and cultures on the urban structure of Lisbon. But for me they also pose fundamental philosophical questions that are universal in nature about basic human wants, needs and dreams. The High Life triptych for example is a complex interrogation of the aspirations for the right of decentered, marginalised communities to inhabit the centre of the city; to 'belong' to the mainstream culture. In a similar way Black House presents itself as a ghostly demarcation and 'negative' imprint (as in a photograph) of the global, universal ideal of home ownership expressed in local terms by the notion of the "casa Portuguesa" or "Portuguese House" celebrated in traditional Fado songs. To what extent do these works represent for you an artistic strategy in which the 'global' mediates the 'local' and vice versa?

**MM:** Under-construction" defines itself on the spaces and geographies in transformation , on idealised dreams about the urban space, on imagined communities, on the urban utopia and irony. It looks at the occupation of the suburban space as a dream to gain a place to belong to the city. It reflects the relationship of architecture, scale and human body and the occupation of the suburban space in interplay with the mainstream space. In the High life triptych these elements are in play to comment on the difficulty of living on the edge of urban space. It looks at vertiginous spaces and it sets a relationship of the utopian modernist ideal of walking on the air within the contemporary ideal or illusion of living within the city .

The quest for the dream to belong to the city is universal in its nature and is a basic human need but in underconstruction becomes a sort of cultural mapping of the impact of post-colonial migrant flows and cultures on the urban structure of Lisbon. But for me these all poses fundamental philosophical questions on the need to belong, and issues related to territory and home. These are the questions raised by "uma casa potuguesa" and "black house" but also by "Greater Lisbon" and "Military road" video.

In Greater Lisbon map I intend to trace a route and draw the landscape of the diverse nations that exist within Lisbon and to question on the established cultural landscape given by the cartography of the conventional configuration in the classical Lisbon A to Z map, and at the same time replaced it with the multiple cultural landscape of the diverse national communities that live in the contemporary Lisbon , I also inscribe within the map the illegal neighbourhoods that are off the map , in a way this is a process of acknowledging, creating visibility, re-writing plural histories of the urban space that lay invisible within the classical map and city awareness. This work is not only about Lisbon but how Lisbon here becomes then the metaphor for mapping the transforming geographies of the landscape of the world. It becomes the world site that marks the histories of trade, migration and colonization and that traces the various processes which have made capitalism, internationalization of the world market and globalization a world reality that transformed and is transforming the landscape of the world. So this work as Military road establishes an interplay in between Global and Local. The Military road work is a video of a journey that traces as in an archaeological quest the landscape of the old military road of Lisbon , which was used as the city defence around the outskirts of the city. In the past was used to protect the city against the French and English invasion in Portugal. This road has partially disappeared but in what are its remains it lays along 45 km around Lisbon the social housing neighbourhoods and ghettos of the city . The road somehow is still nowadays the fort that protects the city against foreign invasions, it holds a large immigrant population from entering the city, they stay at the margins of the city, on the edge on the outskirts . For me this work come as a process of collaboration with housing associations and habitants of these neighbourhoods. The work is a journey I took with some friends and relatives that are inhabitants of these housing complexes to explore these double metaphor and irony of past invasions of territory and present urban fights and struggles. My interest was to look at how Cities grow and how the nature of the city changes, and with them, the functions of the urban spaces changes and how this impacts on local and national culture and identities. My question remains without an answer. where can the dream became true with all these urban changes?

PAG 03



**UNDER —  
CONSTRUCTION /** OBRAS : WORKS











Título/Title: BATALHA NAVAL / STRATEGY GAME

Descrição/Description:

Instalação.Dimensões variáveis/Installation.Variable Dimensions

Ano/Year: 2009



No final do século XIX foi construído, em volta de Lisboa, um sistema de fortificações destinado a proteger a cidade.



Esse sistema passou a constituir um commando militar, organizado permanentemente em pé de guerra,



Concentrando a maioria do esforço militar português, o Campo Entincheirado de Lisboa, constituiu o principal meio de defesa de Portugal durante a primeira metade do século XX.



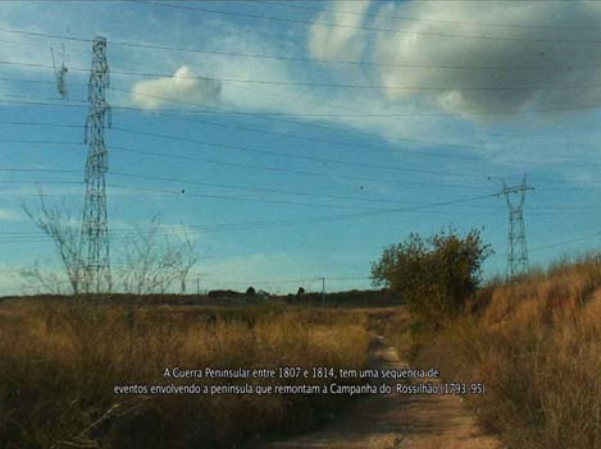
Tanto do Exército como da Marinha – no continente, se concentrasse nessa defesa.



deixando o governo do território europeu de Portugal nas mãos de uma regência,







A Guerra Peninsular entre 1807 e 1814, tem uma sequência de eventos envolvendo a península que remontam à Campanha do Rossilhão (1793-95)



A partir da ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder (1799), a Espanha alia-se a França para, por meio da invasão e da divisão de Portugal entre estes,



As invasões francesas, o Caso Civil e as diversas intervenções militares estrangeiras que assolaram Portugal



na independência da América Latina.



herói da Guerra Peninsular, a Grã-Bretanha derrotou Napoleão na batalha de Waterloo (1815),



marchando em seguida sobre Lisboa.







Titlo/Title: HIGH LIFE  
Descrição/Description:  
HD Video 10" audio  
Ano/Year: 2009





Titlo/Title: HERE AND THERE  
Descrição/Description:  
Caixa de luz/Light box 1,50x90cm  
Ano/Year: 2009







Titulo/Title: UMA CASA PORTUGUESA /  
A PORTUGUESE HOUSE  
Descrição/Description:  
4 caixas de luz/4 light boxes  
62x42cm  
Ano/Year: 2009







Titlo/Title: BLACK HOUSE

Descrição/Description:

Instalação.Dimensões variáveis/Installation.Variable dimensions

Ano/Year: 2009





Titulo/Title: OBRAS PÚBLICAS / PUBLIC WORKS  
Descrição/Description: Betoneira, tecido. Dimensões variáveis/  
Cement machine fabric. Variable dimensions  
Ano/Year: 2009





Titulo/Title: PARADISE  
Descrição/Description: Neon 1m65cm  
Ano/Year: 2009



PAG 03

**GUEST ARTISTS**  
**ARTISTAS —**  
**CONVIDADOS /**

ZE CARLOS TEIXEIRA : SOFIA BORGES :



# DESVIO E CONSEQUÊNCIA —

## PARA UMA NOVA REVOLUÇÃO

José Carlos Teixeira  
2008 —



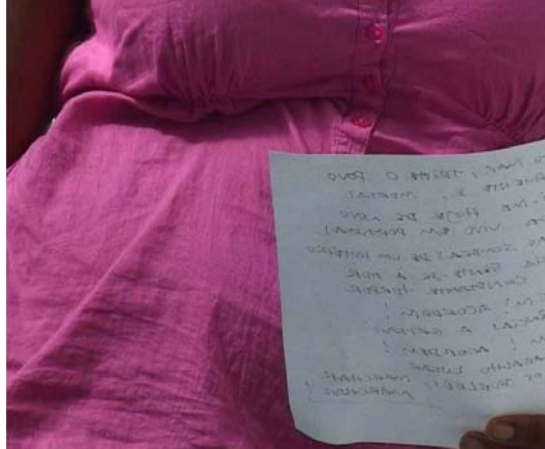
**DESVIO E CONSEQUÊNCIA**, para uma nova (r)evolução, é uma instalação vídeo que funciona como o remake lusitano de IT'S OK (united), #1#2#3, three steps to a (r)evolution. Se o anterior projecto, finalizado em 2006, apresentava uma abordagem crítica ao sistema cultural e educativo ocidental (com predominância no exemplo norte-americano) - e onde conceitos de assertividade, segurança, poder e controlo eram desconstruídos através de um novo conteúdo aplicado à letra do hino - a versão portuguesa parte basicamente nas mesmas premissas. O vídeo consiste em duas projecções simultâneas, lado a lado, registando o processo de co-criação de novas frases para a música da nação: os protagonistas são luso-africanos e o cenário principal é o bairro da Cova da Moura, em Lisboa. Durante vinte e dois minutos, num registo ao mesmo tempo artístico e documental, desvelam-se e adensam-se temas relacionados com a identidade, a alteridade, o deslocamento, a diferença cultural, o sentimento de exílio e/ou de pertença. No novo hino transnacional, a letra torna visível o que cada um sente e pensa sobre a cultura de acolhimento. Nas palavras de João Pinharanda, "aproximamo-nos de uma versão de A Portuguesa a partir da interpretação, entendimento, (dis)torção sobre ela exercida por membros das comunidades de imigrantes africanos que ensaiam cantá-la introduzindo nas palavras e ritmos, significados literais e emotivos, razões de outras identidades e temporalidades". Constituindo-se como espaço de entretenimento, jogo e ironia, **DESVIO E CONSEQUÊNCIA**, para uma nova (r)evolução alcança sobretudo uma dimensão política e sócio-cultural, comprometida na construção de um discurso colectivo por todos aqueles que ali são retratados. Parte integrante da instalação, os extractos de textos de Antero de Quental, Fernando Pessoa e José Gil recentram intelectualmente o vídeo, e contextualizam ideias de Portugalidade que se repetem e permanecem.



# DEVIATION AND CONSEQUENCE —

## TOWARDS A NEW (R)EVOLUTION

José Carlos Teixeira  
2008 —



*DEVIATION AND CONSEQUENCE, towards a new (r)evolution, is a video installation that works as the remake of IT'S OK (united), #1#2#3, three steps to a (r)evolution. If the previous project, finished in 2006, presented a critical approach to the western cultural and educational system (with emphasis on the North-American case) - and where notions of assertiveness, security, power, and control were deconstructed through new lyrics applied to the American anthem - the Portuguese version departs from the same premises.*

*The video consists of two simultaneous projections, side by side, showing the co-creation process of new phrases for the national song: the protagonists of such action are African-Portuguese, and the main scenario is the Cova da Moura neighborhood, in Lisbon. During twenty-two minutes, in a both artistic and documental tone, themes related to identity, otherness, displacement, cultural difference, the feeling of exile and/or belonging, are revealed and intensified.*

*In the new trans-national anthem, the lyrics make visible what each one of the performers feel and think of the hosting culture. In the words of João Pinharanda, "[We] get closer to a version of the A Portuguesa, from its interpretation, understanding, and distortion by members of the African emigrants community, who attempt to sing it by introducing in the words and rhythm literal and emotional significations, reasons from other identities and temporalities."*

*Constituted as a space for entertainment, game and irony, DEVIATION and CONSEQUENCE, towards a new (r)evolution, reaches above all political and socio-cultural dimensions, committed to the construction of a collective speech by all of the portrayed people.*

*Excerpts of texts by Antero de Quental, Fernando Pessoa, and José Gil are an integral part of the installation, intellectually re-focusing the video, and contextualizing ideas about Portugal endlessly repeated and maintained.*

### “Era produtor de mim próprio”

é um vídeo realizado no âmbito d'A Festa Acabou, projecto que decorre no Bairro da Quinta da Vitória desde 2006 com o objectivo de recolher informação sobre a história e a actualidade do bairro para em conjunto com os moradores definirmos uma cartografia do bairro.

O Bairro da Quinta da Vitória não consta nos principais mapas da cidade. Tem cerca de 40 anos e actualmente está a ser demolido. Quando iniciamos este projecto já muitos moradores tinham deixado o bairro, actualmente vivem no bairro, os que estão ao abrigo do PER e aguardam o realojamento.

Era produtor de mim próprio é um documento sobre a história do bairro desde a construção das primeiras casas, passando pelos momentos mais significativos, como a instalação da electricidade e da água no bairro, o impacto das demolições e a expectativa do realojamento face aos hábitos e costumes vividos no bairro, em particular, as relações afectivas e a relação com a terra através do cultivo de hortas que servem a sobrevivência dos moradores.





rodutor

rodutor

próprio

próprio

Título/Title:

# EU ERA PRODUTOR DE MIM PRÓPRIO —

Realização/Direction:

**SOFIA BORGES**

Montagem/Montagem:

**Rui Viana / Sofia Borges**

Mistura / Som/Audio Mix:

**Rui Viana**

Ano/ Year, País/Country:

**2008, PORTUGAL**

Produção/Production:

**A Festa Acabou**

Duração/Duration:

**13'**

Colaboração de:

Vasco Coelho, Marta Carvalho,  
António Gadanho e dos moradores  
do Bairro da Quinta da Vitória.

**“Era produtor de mim próprio”**

é um vídeo realizado no âmbito d'`A Festa Acabou, projecto que decorre no Bairro da Quinta da Vitória desde 2006 com o objectivo de recolher informação sobre a história e a actualidade do bairro para em conjunto com os moradores definirmos uma cartografia do bairro.

O Bairro da Quinta da Vitória não consta nos principais mapas da cidade. Tem cerca de 40 anos e actualmente está a ser demolido. Quando iniciamos este projecto já muitos moradores tinham deixado o bairro, actualmente vivem no bairro, os que estão ao abrigo do PER e aguardam o realojamento.

Era produtor de mim próprio é um documento sobre a história do bairro desde a construção das primeiras casas, passando pelos momentos mais significativos, como a instalação da electricidade e da água no bairro, o impacto das demolições e a expectativa do realojamento face aos hábitos e costumes vividos no bairro, em particular, as relações afectivas e a relação com a terra através do cultivo de hortas que servem a sobrevivência dos moradores.

Título/Title:

**ELOGIO AO 1/2 —  
PRAISE TO 1/2**

Artista/Artist:

**PEDRO SENA NUNES**

Ano/ Year, País/Country:

**2006, PORTUGAL**

Produção/Production:

**Vo'arte****Encomenda Faro Capital  
da Cultura 2005 / Comission  
by Faro Cultural Capital 2005.**

Duração/Duration:

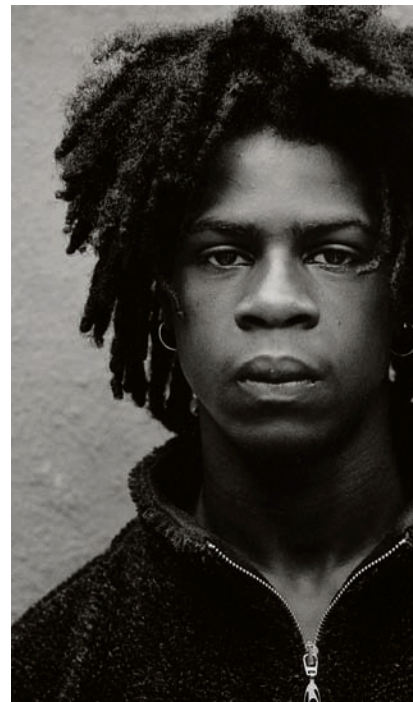
**70'**

O Bairro 25 de Abril da Meia-Praia fica entre a praia e a linha do comboio que nos leva à cidade de Lagos. Começou por ser um conjunto de palhotas construídas, improvisadamente, pelos “índios” vindos de Monte Gordo que desejavam apenas sobreviver ao sonho dourado que Lagos não conseguiu cumprir. Após o 25 de Abril, e através do plano arquitectónico Serviço de Apoio Ambulatório Local (S.A.A.L.), as palhotas transformaram-se em casas construídas pelos próprios habitantes. Muitas das promessas políticas feitas há trinta anos continuam por cumprir. Como será viver hoje na Meia-Praia?

*The 25th April slum of Meia Praia is situated between the beach and the railway that takes us into the town of Lagos. It all began as a group of huts that were improvised by the “indigenous” people of Meia-Praia, who came from Monte Gordo and whose simple wish was to survive to the golden dream that Lagos could not provide. After the 25th April Revolution and through the architecture plan “Serviço de Apoio Ambulatório Local” (S.A.A.L.), the huts were transformed into houses built by their own inhabitants. A lot of the political promises made thirty years ago are still waiting to be fulfilled. How does it feel to live at Meia-Praia today?*



Lusofonia: (A) r) evolução





Title/Titles:

## OUTROS BAIROS OTHER NEIGHBOURHOODS —

Artist/Artist:

**INÊS GONÇALVES  
KILUANJE LIBERDADE  
VASCO PIMENTEL**

Year/Year, País/Country:

1999, PORTUGAL

Production/Production:

**Filmes do Tejo**

Duration/Duration:

52'

Em Portugal há rapazes e raparigas que não têm pátria. Não são cabo-verdianos porque nunca foram a Cabo Verde, não são portugueses porque a língua é outra e os costumes de cá não são os das famílias deles. Não querem ser portugueses, talvez venham a querer ser cabo-verdianos. Para já, são da Pontinha, são da Pedreira dos Húngaros, são da Arrentela, são de Miratejo, são da Cova da Moura. São da “área”, são do “bairro”, são “niggas”. Têm fronteiras, têm leis, têm língua, têm hinos, têm ideias, têm códigos inconfundíveis. Aliás, é a primeiríssima vez em 500 anos de atribuladas relações de proximidade entre portugueses e africanos que estes últimos dão origem a uma cultura autónoma, afirmativa e de vanguarda em Portugal. E eles têm orgulho.

*There are some boys and girls in Portugal who have no homeland. They are not Cape Verdeans because they've never been to Cape Verde. They are not Portuguese because the language and the customs are not those of their families. They do not want to be Portuguese, maybe they will want to be Cape Verdeans. Now they are from Pontinha, from Pedreira dos Húngaros, from Arrentela, from Miratejo, from Cova da Moura. They are from the “área”, from the “bairro”, they are “niggas”. They have their own borders, their own laws, their own language, hymns, ideas and unmistakable set of codes. They have created for the very first time in the 500-year old story of the stormy and close relationship between Portuguese and Africans an autonomous, assertive and avant-gardist culture in Portugal. And they are proud.*



## LUSOFONIA: A (R)EVOLUÇÃO —

Artist/Artist:

**RED BULL  
MUSIC ACADEMY**

Year/Year, País/Country:

2006, PORTUGAL

Production/Production:

**Red Bull Music Academy**

Duration/Duration:

60'

Está a afirmar-se em Portugal uma geração de músicos, produtores e DJs que, atentos às mutações estéticas e tecnológicas na música, reivindicam o traço distintivo herdado da cultura lusófona de que fazem parte. Este movimento musical resume cinco séculos de história e através dele Lisboa afirma-se como um palco de misturas de elementos musicais que pegam na herança lusófona: ritmos de coladeras juntos a jazz, beats de kuduro com hip-hop, reggae e crioulo. Lusofonia: a (r)evolução é um olhar sobre um momento de fervor criativo na vida da música em Portugal.

*In Portugal, we can find a new generation of musicians, producers and DJs that, focused on aesthetic and technologic mutations in music, preserve the distinctive traits of the “cultura lusófona”, which they are a part of. This movement in music sums up five centuries of history and through it Lisbon stands out as a stage of different musical elements that are part of the “herança (heritage) lusófona”: coladeras mixed with jazz, kuduro beats with hip-hop, reggae and crioulo. Lusofonia, a revolution is a way of looking at the creative enthusiasm that characterizes the music production in Portugal at the present moment.*



PAG 03

Título/Title:

## LISBOA MISTURA —

Astista/Artist:

**ASSOCIAÇÃO  
SONS DA  
LUSOFONIA**

Ano/ Year, País/Country:

**2008, PORTUGAL**

Produção/Production:

**Associação  
Sons da Lusofonia**

Duração/Duration:

**56'**



Lisboa Mistura

Trata-se de um novo documentário, resultante dos 13 programas “Lisboa Mistura TV”. Lisboa Mistura acolhe os sons da cidade, fazendo pontes com as artes e vivências a estes associadas, reflexo da contemporaneidade criativa, fruto de uma mistura inevitável feita com a urgência e melancolia de cada cultura e de cada um de nós. Foi pensado como um lugar de observação e de acção na cidade para compreender melhor os possíveis caminhos abertos pelas misturas, simples ou complexas, que a toda a hora se concretizam. Surge da necessidade de criar um lugar de intervenção intercultural onde a criatividade humana é assumida como um poderoso instrumento de comunicação, de união e de clarificação das nossas diferenças, em que muitas vezes o “outro” também somos nós.

*This is a new documentary from the 13 programs “Lisboa Mistura TV”. Lisboa Mistura hosts the sounds of the city, connecting with the arts and some related experiences. It is a reflection about the creative contemporary and is the result of the inevitable mixture made with the urgency and the melancholy of each culture and each one of us. It was thought as a place of observation and action in the city, to understand better the possible paths that are opened by mixtures, simple or complex, that take place all the time. Lisboa Mistura arises from the need to create a place of intercultural intervention where human creativity is viewed as a powerful instrument of communication, unity and clarification of our differences: many times, the “other” is us.*





# UNDER CONSTRUCTION

